

Aumenta um ponto quem conta um conto?

Agora serve o coração, de Nei Lopes

Nathalia Augusto Pereira*

Os causos populares, desde os mais remotos, estão repletos de frases de efeito, seja para envolver o ouvinte, ou o leitor, seja para legitimar o que é contado. Mesmo agora, muitas histórias ainda são passadas de boca em boca. Se bem que talvez estejamos mais para histórias passadas de zap em zap, numa grande onda de *fake news*. E o livro de Nei Lopes, *Agora serve o coração*, mostra como fatos reais, dados científicos, causos populares e fofocas de vizinhos podem se embaralhar, principalmente em lugares marcados pela precariedade, como no caso de Marangatu, “capital nacional do boato e da fantasia”.

Neste livro, das várias histórias contadas sobre (e por) este povoado, uma sobressai: a da famosa Soraia, Iaiá de Marangatu, que, segundo boatos, mandava arrancar os corações de seus desafetos e entregava os cadáveres às entidades sobrenaturais encarregadas de fertilizar as terras. Compondo um enredo misterioso com ares de fantástico, já no primeiro capítulo ela comemora seu aniversário com um grande churrasco e diz, zombeteira: “ – Agora serve o coração!”. A festa chamada de corações

*Mestre pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e professora de Língua Portuguesa e Literatura da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ).

ardentes é o fato principal a permear e encerrar o romance e será o fio condutor para conhecermos Marangatu a partir da lenda sobre essa mulher, que diziam, sem comprovar, ser “dona do cemitério”. Soraia e Marangatu estão interligados e suas histórias são contadas em meio a uma barafunda de acontecimentos.

Podendo ser entendida como coletânea de narrativas populares, essa obra de Nei Lopes nos informa um pouco de tudo ao nos dar a conhecer a formação da fictícia Marangatu (na Baixada Fluminense, região do Estado do Rio de Janeiro). Só que isso não passa de conversa de botequim. As histórias são contadas no bar Flor de Benguela: “em mais uma sessão de nossa pequena roda de amigos, entre mim, Seu Aleixo e o Fraga, além de uns dois ou três participantes eventuais – gente que vinha ‘tomar uma’, se metia na conversa, dava um palpite e saía fora – e do Filipe angolano, que era o dono da casa”. Com isso, a história de Marangatu é apresentada como produção anônima e coletiva, configurando-se folclore de memória e imaginação popular.

Uma nota introdutória ao livro pede uma leitura que entenda as opiniões como sendo das personagens e não do autor. Dessa forma, o narrador, que poderia ser o próprio Nei, diz não o ser. Quem se encarrega da tarefa de organizar e recontar os relatos é um narrador que, de certo modo, tenta se manter distanciado e, ao mesmo tempo, está envolvido com tudo o que será dito, inclusive admitindo fazer inferências: “ela não disse assim, mas eu concluí”.

O narrador de *Agora serve o coração* opina sobre os causos que vai soltando ao longo das páginas, dizendo de quais mais gosta e até mesmo refutando e dizendo concordar ou não: “acho que aí ele errou feio” ou “quem me contou merece o crédito”.

Um dos contadores de histórias a quem o narrador recorre é Seu Aleixo Carpinteiro. Segundo o narrador, Seu Aleixo sabia ou inventava muito, mas tinha o enredo que o interessava e dominava a arte da boa história: “ninguém acreditava, mas todo mundo gostava do seu jeito peculiar de contar os casos”.

Como nos contos populares, nesse livro as marcas de tempo e local não são precisas. Expressões como “tinha lido não se sabe onde” compõem o enredo e aparecem nos relatos de muitos personagens. Mas, por trazer evidências de romance histórico, enquanto fala de alguma personagem – apresentando seu nascimento, maneira como foi educada e características físicas ou local de residência – também vai contando a história do Brasil. E, nesse caso, para criar sensação de tempo decorrido, aparecem expressões como “no ano seguinte ao nascimento da menina, em um triste agosto, iam-se para debaixo da terra, com o cadáver do presidente da República, os grandes sonhos de um país”.

Outra marca de tradição popular é a quebra de linearidade que se dá do segundo capítulo em diante. As histórias de Marangatu e de Soraia são fragmentadas e intercaladas a vários outros assuntos, tais como novidades, fofocas, conhecimentos gerais e curiosidades, diluindo intencionalmente o tema principal. Afinal, histórias contadas na mesa do bar onde se reuniam “aposentados, encostados e desocupados” certamente seriam atravessadas por interrupções. Do primeiro capítulo sobre o churrasco de aniversário para os seguintes, ocorre uma brusca mudança discursiva, passando dos ricos detalhes de uma churrasqueira exagerada semelhante ao inferno (com representação de sons diabólicos e expressões sanguinolentas) e do uso de muitas metáforas para uma

explicação com ares de texto histórico sobre Marangatu. Essa quebra de linearidade, tanto acerca do assunto quanto da forma discursiva, passa a fazer parte de toda a narrativa.

Pela estrutura intrincada, neste livro de Nei Lopes borram-se os limites entre os assuntos. Os capítulos não seguem uma sequência temporal mais ou menos habitual e dentro deles também não encontramos organização na sucessão de fatos. Há vários acontecimentos atravessando o enredo principal, o que pode distrair o leitor, semelhantemente ao que acontece com o povo de Marangatu, cujas distrações fazem perder o foco principal. As conversas entre as personagens são fragmentadas por assuntos variados. E o encadeamento entre os assuntos se dá às vezes por algum elemento simples, como, por exemplo, uma palavra que já remete à nova história totalmente diversa da que então era contada.

Mas, apesar das características de narrativa popular, o narrador não disfarça suas intenções de tornar essa obra um texto de caráter científico e conduz o leitor para a crença em sua tese sobre Marangatu ao alternar relatos pessoais e registros científicos. A forma como alguns dos relatos aparecem no livro, seguindo inclusive normas técnicas para citação de fontes, confere crédito ao trabalho do narrador, como no caso de Victor Darbot, apresentado como pesquisador clássico e fonte segura por realizar pesquisa *in loco*. O narrador cita o livro *Reminiscências pitorescas da hinterlândia fluminense*, grafado em itálico, para lhe conferir alto grau de cientificidade e destaca em letras menores, ainda em itálico, os trechos em que são descritos fatos históricos facilmente misturados aos da fictícia cidade. Garantindo a própria autoridade, ele reforça: “a tranquilidade local me esti-

mulava a mergulhar na história da região, da qual eu estava me tornando quase um especialista”. Inclusive, na intenção de tornar confiáveis os seus argumentos sobre Marangatu, apresenta os escritos dos pesquisadores Darbot e Santos Gomes como opiniões contrárias, dizendo, no entanto, preferir o último.

E não são só os relatos dos amigos de bar ou dos livros que o narrador utiliza como fontes. Há conversas com bêbados da rua, bem como com pretos velhos e com Vovó Afra, grande ancestral das favelas, incorporada por Soraia. O narrador também utiliza a fala do senso comum, diferenciada por recurso gráfico, nesse caso como um personagem único. Quando conta sobre a Escola Municipal Mary Bethune, cujo nome seria homenagem a uma grande educadora americana, surge uma fala dentro do discurso do narrador. As demais vozes de personagens eram antecedidas por travessões, já essa foi grafada em itálico: “mas aquela mulher não podia ser ela, devia ser engano”, ao que o narrador retorque dizendo ser engano pelo fato de a mulher ser preta, de boca grande e lábios grossos.

Agora serve o coração estabelece outro elo com a oralidade, ao manter a atenção do ouvinte-leitor, instigando-lhe a curiosidade: “às vezes sou forçado a ouvir histórias como essa [...] Eu não tinha nada a ver com aquilo, mas o meu interlocutor, que eu não conhecia, sabia contar a história, me envolveu nela, e eu já queria saber o final”. Outros elementos típicos da contação de histórias servem também para garantir a veracidade, ao passo que tiram do contador o peso de ser o único a saber dos fatos: “segundo a voz corrente”, “como contavam as testemunhas de orelha” e “o caso teria ocorrido, como contava seu Aleixo, ‘mas

sem poder garantir””. A não confirmação dos fatos, que gera dúvidas, mas mantém a verdade como possibilidade, aparece também em expressões como “Coisa horripilante! Ainda bem que não me dei o trabalho de ir lá ver se era verdade”.

No último capítulo, retornando à tendência fantástica, alguns personagens voltam rejuvenescidos. O narrador se assusta e, quando olha novamente, não vê mais nada. Seu Aleixo o cutuca e pergunta se ele ouve o som dos pés batendo no chão e o cheiro de laranja podre, que seriam os índios (de uma das misteriosas histórias contadas no decorrer das páginas) voltando. Ao que o narrador diz, encerrando o livro, “eu não ouvi nem entendi. Mas estavam, mesmo”.

Se Nei Lopes dedica este livro aos autores Victor Giudice e Juan Rulfo, arrisco-me a citar também Câmara Cascudo, já que considero *Agora serve o coração* como uma coletânea de causos. Este livro talvez não seja só uma conversa de bar, mas pode ser. Não é sobre a Baixada Fluminense e a Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, nem sobre a Universidade Rural do Rio de Janeiro ou sobre carnaval, milicianização da vida e intolerância religiosa, se bem que poderia ser. Também não é um livro histórico de sucessão de fatos, mas não deixa de poder ser. E, principalmente, Marangatu poderia ser qualquer lugar marcado pela precariedade, em cuja história de formação passaram aldeias indígenas, quilombos de escravos fugidos, erupção de vulcão e “despejo de restos sem nome e muitas vezes com as partes desarticuladas, chegando do necrotério congelados, na caçamba dos caminhões de lixo”.

No entanto, em *Agora serve o coração*, semelhanças são simples coincidências e “Marangatu era, com toda certeza, um

lugar distante. Onde até mesmo o que estava a alguns passos da porta custava a chegar”. Inclusive, a informação e o conhecimento aprofundado sobre as coisas acabavam não passando de boatos a correr de boca em boca, modificados em sua essência, afinal, “mesmo com tudo o que a região vivenciara nos chamados anos de chumbo, quase ninguém tomara conhecimento da ditadura”. O narrador, ao contar sobre um colega torturado, emenda com o comentário “pouca gente sabia que, naquele momento da prisão do meu colega, as centenas de corpos que chegavam para ser enterrados na vala comum dos indigentes eram simplesmente vítimas da ditadura” e não fruto de macabras atitudes da Soraia. Disso tudo só digo uma coisa: pode até não ser, mas que é, ah isso é. E quem me contou merece o crédito.